

# **A IMPORTANCIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NO DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS DO DEFICIENTE AUDITIVO**

Frank Wedja Albertina de Souza  
Kátia Cristina dos Santos Matos  
Vanessa Góes Santos

## **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo identificar as diferentes teorias científicas que foram abordadas no ensino do deficiente auditivo, caracterizando as práticas pedagógicas usadas na educação desses alunos ao longo dos anos, explicando quais os caminhos levaram a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) a ser utilizada como forma de educação, e qual a sua importância para o desenvolvimento do processo educacional. Pensando nas práticas educacionais pelas quais o deficiente auditivo passou, até a chegada do reconhecimento da LIBRAS como língua materna para seu desenvolvimento, este estudo foi elaborado como tentativa de conscientizar os pedagogos da atualidade sobre quais as expressões, movimentos e métodos que devem ser utilizados neste processo de ensino-aprendizagem. Todas estas informações foram coletadas a partir de uma pesquisa bibliográfica, fundamentada com o auxílio de uma metodologia qualitativa, que objetiva o embasamento teórico-metodológico, estudado e abordado por diversos cientistas, a fim de uma melhor compreensão sobre os caminhos percorridos por aqueles que lutam por igualdade.

**Palavras-chave:** Processo Educacional. Aluno Surdo. LIBRAS.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca esclarecer a seguinte problemática: como a língua de Sinais se tornou importante para desenvolvimento educacional do deficiente auditivo, visando meios e métodos de aprendizagem que foram apontados como caminhos e aderidos por pais e professores na educação desses alunos?

A mesma pretende, analisar como se deu o processo educacional do surdo, caracterizando as diversas práticas pedagógicas usadas na educação dos mesmos ao longo dos anos, a fim de identificar quais foram as diferentes abordagens de ensino, aconselhadas pelos especialistas e utilizadas pelos educadores em sala de aula com os deficientes auditivos. Também tem a preocupação de explicar o que é LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), como ela foi reconhecida e levada para o âmbito escolar e qual a sua importância para o desenvolvimento do processo educacional do surdo.

Para o processo de ensino do surdo ser bem programado, ele necessita da língua de sinais em seu desenvolvimento educacional e de uma atenção diferenciada, pois os estímulos de aprendizagem devem ser passados através da visão.

Segundo Quadros (2004), as políticas públicas de educação, são de assimilação não só lingüística, mas também cultural. Se o aluno não consegue assimilar um currículo em português, organizado de uma determinada forma, ele é visto como não capaz.

O autor reforça ainda que, o surdo como usuário natural da língua, deve estar presente na comunidade escolar e universidades, para que todos possam identificar-se positivamente, desenvolvendo assim a utilização da língua de forma mais natural possível, já que o uso da Língua de Sinais passou a ser apontado como um dos caminhos que tem sido reveladores de uma prática pedagógica que leva em consideração, às diversidades dos educandos e as formas de promover o seu desenvolvimento cognitivo e educacional.

Todos os aspectos citados acima têm a função de propiciar ao leitor, uma análise sobre as questões educacionais especiais, na tentativa de ampliar o conhecimento acerca da temática deste artigo, e quem sabe, oferecer resposta a alguma dúvida sobre o desenvolvimento dos deficientes auditivos.

## PROCESSO EDUCACIONAL DO DEFICIENTE AUDITIVO

Para falar do ensino direcionado ao aluno surdo, devemos fazer uma breve análise da história do processo educacional que foi imposto ao deficiente auditivo, muitas foram as fases, porém passo a passo eles foram superando as dificuldades impostas, mostrando que o atendimento educacional especializado precisa ser visto na seguinte ótica: o aluno portador de necessidades especiais, tem uma situação biológica que pode refletir em sua situação educacional, conseqüentemente na sua aprendizagem, levando em consideração que todos têm o direito a igualdade e oportunidade na educação e o aluno surdo deve ter acesso a esse principio de escolarização que é legalmente por direito garantida para todos.

Lopes e Veiga-Neto (2006) afirmam que, por um longo período a sociedade negou o direito do surdo à comunicação através da língua de sinais, não reconhecendo como uma língua estruturada, mas sim como mímica e gestos soltos. Alguns, ainda acreditavam que se os surdos não aprendessem a falar não poderia se comunicar com a sociedade a sua volta, buscando sempre, formas para que os surdos falassem, negando a eles o direito de si comunicar através de sua língua natural, a linguagem de sinais, com práticas educacionais oralista, onde o falar era a condição para que ele fosse aceito na sociedade, dificultando assim, o processo natural de assimilação desses alunos.

Segundo Fernandes (2005), o aprendizado de uma outra língua que não seja a natural, será decorrente da necessidade de interação significativa com o meio social.

“A fase da comunicação total, onde o surdo é obrigado a aprender simultaneamente oralizar à língua materna de seus pais e usar a língua de sinais, sua linguagem natural” (LOPES; VEIGA-NETO, 2006, p. 120).

Os mesmos reforçam que a aprendizagem de uma nova língua não deve ser imposta como uma proposta política ou escolar planejada, proposta essa que não agradou muito a comunidade surda, com essa pratica a oralidade veio à frente da língua natural do surdo, uma proposta mascarada onde a língua de sinais não é considerada a primeira língua do surdo, não há como negar que houver um avanço ainda que superficiais nessa fase, pois o surdo passa a usar libras, fato que na primeira fase oralista era negado.

Fernandes (2005) afirma que o bilinguismo dos surdos pressupõe o acesso pleno a língua de sinais como primeira língua representando o elemento fundador de sua identidade na constituição de sentidos sobre o mundo e no acesso ao conhecimento.

“No bilinguismo, o direito do surdo e dever dos governantes é promover uma educação que tenha base no desenvolvimento visual que utilize língua de sinais nas salas de aula com interprete ou com professores surdos ministrando aula que seria o ideal, já que o interprete nem sempre tem competência pedagógica necessária a aprendizagens, a escola deve promover o conhecimento e o desenvolvimento de uma segunda língua só que de forma inscrita, não oralista como nas outras fases”.

O professor tem papel importante, e através dele e de seus conhecimentos, que não devem ser apenas nas disciplinas específicas, mas também, na língua de sinais, a fim de mostra de forma simplificada, os conceitos e sinais que envolvem e facilitam o processo de assimilação dos alunos, de forma clara e sem grandes dificuldades.

Quando se trata do estudo dos conteúdos escolares, o surdo não fica só na necessidade de relacionar as suas duas línguas, ou seja, a sua língua materna e o português. O mesmo fica dependente também, de conceitos estruturados e organizados em sinais, para a associação de conhecimento das disciplinas estudadas em sala. Através dessa estrutura ele faz ligação entre o conhecimento já possuído, com o mecanismo dos conteúdos abordados pelo professor.

Vêm se produzindo várias mudanças na história do surdo e da língua de sinais. A LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) é uma língua autônoma, viva e reconhecida pelos lingüísticos, apresenta todos os componentes como gramática, semântica, programática e síntese, têm todos os requisitos científico para ser considerado instrumento lingüístico, possui todos os elementos classificatórios identificáveis de uma língua e demanda pratica para seu desenvolvimento e aprendizado como qualquer outra língua.

O uso da Língua de Sinais passou a ser apontada como um dos caminhos que tem sido reveladores de uma prática pedagógica que levam em consideração as diversidades desses educando, a língua de sinais bem utilizada promove a socialização entre alunos e professores, melhoram a comunicação nas atividades diária o uso de sinais bem exemplificado ajuda no desenrolar do contexto

matemático e da significância aos símbolos. Vários desafios têm sido apresentados aos professores em seu trabalho docente e aos próprios alunos em sala de aula nessa nova proposta de educação.

A importância da inclusão da Língua de Sinais busca promover a socialização entre alunos e professores, na tentativa de melhorar a comunicação nas atividades diárias, através de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), já que alguns desafios têm sido apresentados aos professores em seu trabalho docente e aos próprios alunos em sala de aula.

Mantoan (2004) afirma que a inclusão é uma possibilidade que se abre para o aperfeiçoamento da educação escolar e para o benefício do aluno com e sem deficiência. Portanto, pode-se dizer que a inclusão é boa e benéfica na educação, desde que se respeitem as dificuldades e habilidades de cada um, no caso do aluno surdo inserido numa escola de ouvintes não estruturada para recebê-lo, ele não desenvolve suas habilidades educacionais e compromete seu aprendizado, pois é natural, o foco das atividades de uma sala com alunos ouvintes, a transmissão de conhecimentos e pela fala e audição. O aluno surdo não acompanha, pois as suas habilidades são desenvolvidas através do visual e essa prática dificulta ainda mais o aprendizado. Isso não quer dizer que o deficiente auditivo não possa frequentar uma escola regular.

Para Lopes e Veiga-Neto (2006), a escola é um espaço de encontros diversos, além de ser a primeira instituição onde muitos têm a chance de conviver, de se auto-identificar, de conhecer, é também o melhor espaço para o convívio das diferenças, pois está acima de qualquer suspeita, porém quando se trata de alunos surdos numa escola de ouvintes, por maior que seja a vontade de normalizar a diversidade ganha outras extensões, os surdos, correm o risco de serem ignorados ao ponto de serem excluídos das trocas educacionais que existem no ambiente escolar, porém se levarmos em consideração que todos têm direito a igualdade e oportunidades na educação, o aluno surdo deve ter o acesso a esses princípios de escolarização que é garantida para todos.

Fonseca citado por Cintra (2002) afirma que a educação especial está baseada na necessidade de oferecer oportunidades, mediante a diversificação dos serviços educacionais, para atender às diferenças individuais dos alunos.

“Esta competência permite ao ser humano em qualquer instancia, a produção de novos signos, de combinação entre os signos e novos sentidos para os signos em jogo não apenas no processo cognitivo.” (FERNANDES, 2005. p. 7)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo vem proporcionar uma reflexão sobre o desenvolvimento do surdo e das práticas pedagógicas direcionada a educação dos mesmos, os processos educacionais ao longo da história, que serviram para consolidar o uso da Língua de Sinais, especialmente nos espaços pedagógicos destinados a eles e que confirmaram como a utilização da LIBRAS foi favorável ao desenvolvimento e a aprendizagem desses sujeitos.

A confirmação da imprescindibilidade da LIBRAS no processo de educação do deficiente auditivo é o primeiro e mais evidente resultado que essa investigação conseguiu confirmar e reforçar, pois a mesma é a língua natural do surdo, e tem papel fundamental no desenvolvimento do aprendiz, já que a aquisição da língua é processo criativo.

Para se trabalhar com o surdo, é necessário que o professor tenha o domínio dessa linguagem, a fim de se obter uma interação durante as aulas com seus alunos, bastando que haja uma boa estrutura e uma metodologia adequada à necessidade da clientela, estimulando e promovendo de meios estruturados, fazendo com que o aprendiz flua naturalmente, como no caso da língua de sinais, que sempre funcionará como meio para o desenvolvimento do surdo. Ignorá-la, seria perpetua a concepção equivocada de tempos atrás.

Desta forma é fundamental que a escola e os educadores possam valorizar os pontos positivos do deficiente auditivo, e explorar de forma que as diferenças educacionais sejam minimizadas. Pois o aluno surdo é tão capaz quanto o ouvinte basta usar os métodos certos no processo de ensino.

## REFERÊNCIAS

CINTRA, Rosana Carla G. G. **Educação especial x dança: um diálogo possível.** Campo Grande: UCDB, 2002.

FERNANDES, Eulalia. **Surdez e biliguismo.** Porto Alegre 2005.

LOPES, M.C.; VEIGA-NETO. A. **Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar.** Florianópolis: Perspectiva, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa. **Caminhos pedagógicos da educação especial.** Petrópolis: Vozes, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua brasileira de sinais: estudos lingüísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.